

## RELAÇÕES DE GÊNERO E A FEMINIZAÇÃO DO HIV/AIDS

Gender relations and the feminization of HIV/AIDS

Jociléia da Silva Bezerra\*

Camila Rodrigues Barbosa\*\*

### Resumo

Este artigo aborda sobre as relações de gênero e a relação com a feminização do HIV/aids a partir de uma revisão integrativa da literatura realizada em dois periódicos da Faculdades EST (Protestantismo em Revista e Estudos Teológicos). Sabe-se que as relações de gênero em nossa sociedade são muito relevantes, principalmente quando analisadas sob a óptica da saúde. As questões de gênero, relações desiguais de poder, dependência financeira das mulheres e muitas vezes a privação de decisão que os homens exercem sobre as mulheres em relação a prática do sexo com proteção, são alguns dos fatores que tornam as mulheres vulneráveis ao HIV/aids. Conclui-se que o controle da feminização do HIV/aids torna-se um desafio devido implicações sociais, culturais, religiosas, espirituais e de gênero, ressaltando a importância de um apoio pastoral, religioso e/ou espiritual para essas mulheres em situação de vulnerabilidade e pensar formas de diminuir diferenças de gênero em uma relação.

**Palavras-chave:** HIV. Aids. Feminização.

### Abstract

This article focuses on gender relations and the relationship with the feminization of HIV/AIDS from an integrative literature review conducted in two journals Colleges EST (Protestantism Magazine and Theological Studies). It is known that gender relations in our society are very important, especially when analyzed from the perspective of health. Gender issues, unequal power relations, financial dependence of women and often deprivation decision that men exercise over women regarding the practice of safe sex, are some of the factors that make women vulnerable to HIV/AIDS. It is concluded that control of the feminization of HIV/AIDS becomes a challenge because social, cultural, religious, spiritual and gender implications, emphasizing the importance of pastoral care, religious and/or spiritual for these women in vulnerable situations and think about ways to reduce gender differences in a relationship.

**Keywords:** HIV. SIDA. Feminization.

---

\* Mestranda em Teologia na Faculdades EST. Enfermeira. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem no Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPE. E-mail: jocileiabezerra02@gmail.com

\*\* Mestranda em Enfermagem na Universidade do Estado do Pará. Enfermeira. Bolsista CAPES. E-mail: camilarodriguesb08@hotmail.com

## Considerações Iniciais

Desde o começo da epidemia da aids nos anos 80, a doença se relaciona à estigmas, associada primeiramente à “grupos de risco”: homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis. A aids sofreu diversas mudanças em seu perfil epidemiológico, nos anos 90 iniciou um processo de feminização da doença, o numero de casos em mulheres aumentou significativamente. Passou-se a enfatizar comportamentos de risco ao invés de grupos de risco.<sup>1</sup>

A feminização da aids está atrelada à diversos fatores de vulnerabilidade da mulher em relação ao HIV/aids: as características biológicas (superfície vaginal exposta ao sêmen é relativamente extensa e a mucosa vaginal é frágil); iniciação sexual precoce; baixa renda; baixo nível de escolaridade; dependência financeira; falta de autonomia (privação de decisão que os homens exercem geralmente sobre as mulheres com relação a prática do sexo seguro); exposição à violência sexual, física, psicológica, doméstica; a associação que inúmeras mulheres fazem em relação ao uso de preservativo somente como forma de evitar a gravidez não planejada e não como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Sendo que vários desses fatores estão relacionados a questões de gênero e relações desiguais de poder.<sup>2</sup>

Ressalta-se importante fazer a diferenciação entre os conceitos de sexo e gênero. O conceito de sexo “designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos”.<sup>3</sup> A conceituação de gênero ultrapassa a diferenciação biológica, “é o papel socialmente definido, atribuído a homens e mulheres em qualquer cultura ou sociedade”.<sup>4</sup>

Estudos que abordem a feminização do HIV/aids com foco nas relações de gênero são essenciais para se pensar em formas de diminuir a vulnerabilidade da mulher ao HIV/aids, através de um cuidado pastoral, apoio psicológico, esclarecimentos sobre formas de prevenção e tratamento da doença e/ou outra forma de ajuda.

---

<sup>1</sup> AGUIAR, R. O. A diaconia profética como denúncia ao sexismo: mulheres vivendo com HIV/AIDS e as limitações ao trabalho de prevenção. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 27, p. 59-63, 2012.

<sup>2</sup> SANTOS, T. L.; ABUD, A. C. F.; INAGAKI A. D. M. Vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres com alta escolaridade. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 502-505, 2009.

<sup>3</sup> OLINTO, M. T. A. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 1, n. 2, p. 161-169, 1998, p. 162.

<sup>4</sup> DEIFELT, W. O vírus que rompeu as barreiras e quebrou os muros da igreja. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n 2, p. 291-305, 2012.

## Caminhos Metodológicos

Realizamos uma revisão integrativa da literatura segundo as seis fases metodológicas propostas por Ganong.<sup>5</sup> Fase 1: Seleção do tema (relações de gênero e a feminização do HIV/aids) e da questão de pesquisa: Quais as evidências científicas nos periódicos da Faculdades EST sobre as relações de gênero e suas implicações para a feminização do HIV/aids?. Na Fase 2 realizamos a pesquisa em dois periódicos das Faculdades EST: *Protestantismo em Revista* e *Estudos Teológicos*; através das palavras-chave: feminização, HIV/aids. Fazendo a interligação entre as duas palavras-chaves encontrou-se 6 artigos que focam o tema em questão; dois na revista *Protestantismo em Revista*<sup>6-7</sup> e quatro na *Estudos Teológicos*<sup>8 9 10 11</sup>. Na Fase 3 realizamos a aplicação de uma ficha com questões sobre o perfil geral da referência e principais evidências. Fase 4: Análise com base em duas categorias que se evidenciam: *Questões de gênero, estigmatização e a vulnerabilidade e A relação entre igreja e a feminização*. Fase 5: discussão das categorias. Fase 6: apresentação da revisão.

## Questões de gênero, estigmatização e a vulnerabilidade

A desigualdade de gênero é mantida pelas estruturas sociais, embasada por diferenças biológicas e justificada muitas vezes pela vontade de Deus. A submissão e a inferiorização da mulher em consequência de conceitos patriarcais e sexistas torna essa situação fatal frente à aids, em relações onde os homens são detentores do poder e tratam a mulher como um patrimônio. A domesticação feminina em algumas situações é incentivada

<sup>5</sup> GANONG, L. H. Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987.

<sup>6</sup> AGUIAR, 2012.

<sup>7</sup> SCHRODER, E. F. Oficina Contextualizando: uma proposta de cuidado pastoral às mulheres vivendo com HIV e AIDS. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 32, p. 15-24, 2013.

<sup>8</sup> DEIFELT, 2012.

<sup>9</sup> STRECK, V. S. A feminização do HIV/AIDS: narrativas que interpelam as estruturas de poder na sociedade e igreja. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n 2, p. 345-356, 2012.

<sup>10</sup> LOPEZ, M. M.; RAMÍREZ, F. M. Por uma espiritualidade libertadora de corpos doentes com AIDS e HIV. Uma abordagem a partir das experiências de vida de Yulixa e Miriã em Nm 12. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 357-373, 2012.

<sup>11</sup> ACKERMANN, D. O estigma relacionado ao HIV e à AIDS que desafia comunidades de fé: uma resposta teológica feminista. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n 2, p. 350-362, 2013.

desde a infância. O androcentrismo reforça essa vulnerabilidade, em conceituações onde o homem é o centro do mundo reforça-se a hegemonia masculina.<sup>12</sup>

A estigmatização das mulheres reforça-se no perfil de feminização apresentado pela aids, relacionada à heterossexualização (cada vez mais mulheres que nunca tiveram uma relação extra-conjugal são infectadas pelo HIV através de seus parceiros), pauperização (mulheres em condições de pobreza extrema cada vez mais infectadas), enegrecimento (mulheres negras), juvenalização (a faixa etária de 13 a 19 anos, é onde o número de casos é maior entre as mulheres) e interiorização (aumento do número de mulheres infectadas no interior do país).<sup>13</sup> Um estigma vai levando ao outro, marca e exclui uma pessoa.

A estigmatização na aids mascara a verdade, cria pré-conceitos, gera silêncio, negação, medo, culpa, cria rótulos negativos, baixa-estima e faz com que assuntos como a sexualidade feminina seja tratada como um tabu, gerando estigmas de gênero, onde a mulher com HIV/aids é vista como promíscua.<sup>14</sup>

Tão forte é essa inferiorização da mulher, que Lopez e Ramírez<sup>15</sup> evidenciam que em situações de conflito armado, muitas sofrem violência física, sexual e psicológica com uma forma de atingir o inimigo e mostrar o controle dos territórios.

### **A relação entre igreja e a feminização**

No começo da epidemia a igreja adotou junto com a sociedade uma postura de recriminação frente a aids e em vários momentos preferiu não emitir opinião. A aids foi vista como um castigo divino por estar associada aos conhecidos grupos de risco.

A doença só tomou lugar de destaque na sociedade brasileira quando pessoas públicas, como Cazusa, a atriz Sandra Bréa e o sociólogo Herbert de Souza anunciaram serem portadores do HIV.

Com as transformações na visão da população em geral, a igreja se viu obrigada a tomar outro tipo de atitude, diferente da postura de silêncio e de tratamento como castigo adotado no começo da epidemia. A igreja se via agora com a responsabilidade de emitir alguma resposta e mais do que isso, dar apoio a essa população vivendo em vulnerabilidade.

---

<sup>12</sup> AGUIAR, 2012.

<sup>13</sup> DEIFELT, 2012.

<sup>14</sup> ACKERMANN, 2013.

<sup>15</sup> LOPEZ; RAMÍREZ, 2012.

Vários assuntos que antes não eram debatidos pela igreja tiveram que ser abertos para a discussão.

A igreja passou a participar na discussão de políticas públicas voltadas à aids, e percebeu que os discursos e ações com visão teológica devem estar em consonância com os avanços técnico-científicos voltados para a doença. Deifelt<sup>16</sup> destaca as ações da Federação Luterana Mundial e do Conselho Mundial de Igrejas em prol de um cuidado pastoral com a finalidade de garantir a dignidade dessas pessoas.

A desigualdade religiosa foi um dos fatores que fortemente influenciou para a vulnerabilidade da mulher à aids. A submissão da mulher ao homem muitas vezes se origina da interpretação errada da leitura de textos bíblicos, onde se interpreta a mulher como frágil e passiva as ordens dos homens. Tal submissão é vista como uma virtude.<sup>17</sup> Lopez e Ramírez<sup>18</sup> exemplificam em seu estudo que o capítulo 12 do livro dos Números reforçam a estigmatização, discriminação, exclusão e isolamento da mulher. Algumas religiões reprimem comportamentos como: sexo antes do casamento, uso de preservativos, homossexualidade e incentivam a submissão da mulher ao seu cônjuge. Esses tipos de normas podem afastar a busca pelo apoio pastoral e incentivar preconceitos. Porém, por ter a religião um forte impacto na vida das pessoas, esta pode ser também um fator determinante para disseminar a estigmatização.<sup>19</sup>

É um papel difícil para a igreja, que sempre reprimiu a sexualidade e a tratou como um assunto que não deveria ser debatido, agora encontrar formas de demonstrar a essas mulheres que são donas de seu corpo e sua sexualidade.

A ação diaconal deve ir a favor da preservação da vida, onde as pessoas estão vivendo em situação de vulnerabilidade, no caso de mulheres vivendo com HIV/aids o resgate da dignidade deve ser o foco das ações.<sup>20</sup> O texto de Schroder<sup>21</sup> evidencia a Leitura Popular da Bíblia realizada com um grupo de mulheres como um forma de viabilizar um diálogo aberto, onde ocorre acolhimento e reflexão, podendo propiciar uma cura espiritual. Busca-se estabelecer ligações entre estas mulheres e Deus e com o próximo.

---

<sup>16</sup> DEIFELT, 2012.

<sup>17</sup> STRECK, 2012.

<sup>18</sup> LOPEZ; RAMÍREZ, 2012.

<sup>19</sup> LOPEZ; RAMÍREZ, 2012.

<sup>20</sup> AGUIAR, 2012.

<sup>21</sup> SCHRODER, 2013.

## Considerações Finais

Conclui-se que vários são os fatores que levam a vulnerabilidade da mulher em relação ao HIV/aids, entre estes destaca-se as relações de gênero e esta desigualdade de gênero muitas vezes incentivada pela igreja. A inferiorização da mulher trouxe consequências para além do seu papel de representação na sociedade, trouxe malefícios para sua saúde, como a feminização do HIV/aids.

A igreja com o passar dos anos, percebeu a importância do seu papel para atuar em situações de vulnerabilidade como esta abordada, e como uma das formas de abordagem para essas mulheres a discussão de textos bíblicos trazendo para a atualidade e buscando a realidade. Lendo a Bíblia através da experiência das mulheres vivendo com HIV/aids e sob o ponto de vista destas.

Evidencia-se a dimensão política da fé, buscando o direito, a justiça e a igualdade social destas mulheres. O aconselhamento pastoral mostra-se importante como uma forma de ensinar estas a enfrentar e saber lidar com momentos de crise, buscando alternativas para esse enfrentamento, aprendendo a lidar com as dificuldades, garantindo a integralidade e a busca pelo empoderamento da mulher que vive com HIV/aids.

## Referências

ACKERMANN, D. O estigma relacionado ao HIV e à AIDS que desafia comunidades de fé: uma resposta teológica feminista. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n 2, p. 350-362, 2013.

AGUIAR, R. O. A diaconia profética como denúncia ao sexismo: mulheres vivendo com HIV/AIDS e as limitações ao trabalho de prevenção. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 27, p. 59-63, 2012.

DEIFELT, W. O vírus que rompeu as barreiras e quebrou os muros da igreja. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n 2, p. 291-305, 2012.

GANONG, L. H. Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987.

LOPEZ, M. M.; RAMÍREZ, F. M. Por uma espiritualidade libertadora de corpos doentes com AIDS e HIV. Uma abordagem a partir das experiências de vida de Yulixa e Miriã em Nm 12. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 357-373, 2012.

OLINTO, M. T. A. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 1, n. 2, p. 161-169, 1998.

SANTOS, T. L.; ABUD, A. C. F.; INAGAKI A. D. M. Vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres com alta escolaridade. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 502-505, 2009.

SCHRODER, E. F. Oficina Contextualizando: uma proposta de cuidado pastoral às mulheres vivendo com HIV e AIDS. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 32, p. 15-24, 2013.

STRECK, V. S. A feminização do HIV/AIDS: narrativas que interpelam as estruturas de poder na sociedade e igreja. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n 2, p. 345-356, 2012.